

DISCUTINDO SOBRE A RESILIÊNCIA E A LUTA PELOS DIREITOS CIVIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Valéria de Araújo Lima ¹
Luanna Gomes Macedo ²
Gilma Alves Ferreira ³
Senyra Martins Cavalcanti ⁴

RESUMO

O uso de filmes como ferramenta educativa nas instituições de ensino vem tornando-se uma prática corriqueira. Entretanto, a utilização dessa ferramenta deve ser permeada por finalidades que visem acrescer no desempenho educacional e não como um passa tempo. Nessa perspectiva, objetivamos a exibição e análise de filmes históricos frente ao conceito de resiliência bem como desenvolver o senso crítico nos alunos, estimular a reflexão sobre a resiliência nas cenas exibidas do filme; realizar atividades para constatar se o conceito de resiliência e o período histórico retratados nas cenas foram compreendidos. Como aporte teórico utilizamos os seguintes autores: Ferro (1992); Morettin (2011); Assis (2008); Angst (2009). Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo de caráter qualitativa, no qual foi aplicado um projeto de extensão na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Rosário, localizada na Cidade de Campina Grande-PB, em turmas do Ensino Fundamental II com faixa etária entre 10 e 16 anos. Frente aos dados objetivos, averiguamos que os filmes se configuram como excelentes formas de representações históricas, imersos de conceitos científicos, sua utilização fomenta de maneira significativa na compreensão e na construção de significados, desenvolve o pensamento crítico do alunado além de tornar o processo de aprendizagem mais prazeroso.

PALAVRAS-CHAVE: Resiliência; Direitos Civis; Filmes Históricos; Cinema; Educação.

INTRODUÇÃO

Em nosso modo de ver, a temática da resiliência carece de uma melhor difusão nos ambientes escolares e principalmente entre os jovens e isto justifica a escolha do tema, o qual relacionamos com os eventos sócio-históricos da década de 60, mais destacadamente com a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos da América (EUA). Para trabalhar este tema com os jovens, realizamos uma pesquisa sobre os filmes históricos que retratavam esta época e, ao mesmo tempo, explicitamos aspectos da resiliência em sua narrativa. O filme escolhido foi “Histórias Cruzadas” (*The Help*, dir. Tate Taylor, 2011), por retratar a vida de empregadas

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, valeriaaraujo1941@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, luanna.raquel@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, gilmaaf_28@hotmail.com;

⁴ Professora orientadora, Mestre em Sociologia (UEPB) e doutoranda em História (Universidade de Coimbra), senyra.cavalcanti@gmail.com.

negras da Cidade de Jackson, localizada no estado do Mississippi – EUA, justamente na década de efervescência da luta por direitos civis.

A elaboração do presente artigo partiu da experiência de monitoria em extensão universitária no projeto: “Cinema e Educação Histórica no Ensino Fundamental”, coordenado pela prof. Senyra Martins Cavalcanti. O referido projeto parte da perspectiva de promoção, aquisição de aprendizagens e conhecimentos sobre fatos históricos a partir de filmes que os retrata. Aqui focalizamos a temática da resiliência.

Temos os seguintes objetivos específicos, como norteadores da ação junto aos alunos: desenvolver o senso crítico sobre o período histórico retratado no filme “Histórias Cruzadas”; estimular a reflexão sobre a resiliência nas cenas exibidas do filme; realizar atividades para constatar se o conceito de resiliência e o período histórico retratados nas cenas foram compreendidos.

Frequentemente considerados como ferramenta para transformar a realidade em algo bom e mascarar suas mazelas, os filmes, segundo Ferro (1992), podem ser testemunhas da realidade e exibir fatos do cotidiano, em formato de ficção ou não. As imagens prendem a atenção do telespectador, fazendo-o olhar para o social de uma forma mais interpretativa e enxergar aquilo que o sistema tenta “esconder” do povo. Nota-se então o caráter reflexivo que pode existir em um filme, que além de relatar fatos, influencia uma leitura sobre estes e provoca o espectador a pensar sobre as circunstâncias exibidas. Essa abordagem dos filmes torna-os relevantes tanto do ponto de vista social quanto educacional e, no caso deste projeto de extensão, possibilita aos alunos contato com um artefato cultural (filme) e a reflexão sobre este, constatando como a realidade é retratada, mas também relacionando-a com o cotidiano.

METODOLOGIA

O Projeto de Extensão foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Rosário, localizada no Bairro da Prata, na Cidade de Campina Grande-PB, em turmas do Ensino Fundamental II com faixa etária entre 10 e 16 anos. Primeiramente, realizamos uma observação da escola e das salas, fizemos o levantamento da quantidade de alunos por sala, horários das aulas e disponibilidade de recursos tecnológicos na escola. As aulas de Educação Física foram ocupadas pelo grupo de monitoras do referido Projeto de Extensão, pois, os alunos estavam com este horário vago em decorrência de que estas aulas ocorrem no contraturno.

A partir de orientações da coordenadora do projeto, cada monitora selecionou uma temática para desenvolvimento que consistia: elaboração de um projeto de intervenção pedagógica, confecção de slides, edição de filme a ser exibido, estudos sobre o tema e produção de atividade - a fim de atingir o terceiro objetivo específico, que diz respeito a constatar o que ficou de compreensão da temática para os alunos.

Inicialmente, apresentamos às turmas os tópicos de sensibilização que orientavam o olhar dos alunos para o filme que seria exibido posteriormente. Os tópicos apontavam os pontos principais do filme, bem como questões a serem percebidas com mais sensibilidade pelos alunos e eram os seguintes: *Histórias Cruzadas* retrata a vida de empregadas domésticas negras em um período histórico marcado pelo racismo e revolução social; a década de 60 nos EUA foi marcada pela forte segregação racial e o filme retrata este cenário na Cidade de Jackson, no Estado do Mississippi; as empregadas, apesar das situações a que eram expostas, mantinham-se resilientes e tentavam “ver o lado bom das coisas” sendo otimistas; observar a relação de brancos e negros, a subordinação destes últimos aos primeiros e as circunstâncias que evidenciavam a segregação da época; atentar para a figura do *ku klux klan* em uma das cenas do filme; motivação das empregadas para aceitarem falar com a escritora (única mulher branca do filme disposta a ouvi-las). Após discussão desses tópicos, exibiu-se o filme editado.

A edição do filme apresentava as sequências que ressaltavam a resiliência demonstrada pelas personagens e que transmitissem para os alunos a segregação racial da época, demonstrada a partir dos diálogos dos personagens, das leis e figuras históricas que o filme apresentava. No momento seguinte, fizemos uma discussão sobre a temática abordada e o filme assistido, indagando-se aos alunos: “*Como era a sociedade da época?*” “*Havia justiça na segregação?*” “*Alguém sabe o que significa resiliência?*” E, partindo da fala dos alunos, trabalhamos os seguintes tópicos de discussão: 1) o filme se passa na Cidade de Jackson (Mississippi-EUA), na década de 60, quando esta foi palco da luta pelos direitos civis, por igualdade entre negros e brancos, mesmo um século após a abolição da escravidão; 2) a sociedade era fortemente marcada pela separação de brancos e negros, com ônibus, igrejas, escolas, bibliotecas e até mesmo os banheiros separados de acordo com a etnia; 3) apesar do tratamento ofensivo e das situações inconvenientes que viviam, as empregadas domésticas negras permaneciam otimistas e motivadas a falar com Skeeter sobre o seu cotidiano e experiências; 4) a luta pelos Direitos Civis nos EUA ocorreu de maneira pacífica (por parte dos negros), mas estes eram perseguidos por grupos como a *Kun Ku Klux Klan*, com incêndio de residências, sequestros, linchamentos e mortes; 5) muito embora para a Psicologia o conceito de Resiliência ainda não estava sistematizado naquela época, é possível notar implicações desta no comportamento das

empregadas domésticas e em todo o contexto de luta pelo fim da segregação racial em Jackson e em todas as cidades do sul dos Estados Unidos. Depois desta discussão, os alunos fizeram uma atividade para fins de análise e verificação das novas aprendizagens, que constava na produção de um texto (de, no mínimo, 15 linhas) a partir de imagens do filme que veiculassem a resiliência demonstrada pelas personagens nas diversas situações. Devia-se considerar apresentar o conceito de resiliência de acordo com sua compreensão e as discussões realizadas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Até recentemente, o filme não era considerado pelos historiadores como uma fonte/documento “seguro” para analisar, refletir ou discorrer sobre. O cinema, obviamente, surgiu depois da História e sua linguagem era compreendida como algo difícil e de incompreensão incerta (FERRO, 1992, p. 25). Com a revolução oportunizada pelos novos objetos de estudo na história, os historiadores perceberam as contribuições do cinema como ferramenta de análise (ou contra análise) da sociedade.

Ferro (1992, p. 26) afirma ainda que “[...] a ideologia do historiador variou” e que estes não se reconhecem, mesmo sua função permanecendo a mesma: os historiadores servem a um sistema, que, de um modo ou de outro, revolucionaram (ou tentaram) a história. É necessário que esta função seja eficiente, ou seja, atinja o povo e provoque reflexões, mudanças e indagações. Para realizar integralmente a sua função e atingir o seu objetivo, o historiador define quais as fontes e os métodos a serem utilizados para chegar a uma “conclusão”, dependendo de seu contexto e época. (FERRO, 1992, p. 26).

Sabe-se que a história não é escrita sem uma intencionalidade. Seja a de transmissão, informação ou reflexão... toda história possui uma meta, afinal de contas. Ernest Lavis (citado por FERRO, 1992, p. 27) fornece algumas instruções sobre a função e o objetivo do historiador. Nessas instruções, afirma que é preciso mostrar às pessoas como a sociedade presente foi construída para que se conheça o processo e se reflita. Dizendo de outra maneira, seria como olhar o presente sob a luz do passado, percebendo que tudo tem um motivo para ser como é.

Ferro (1992) evidencia que trata um filme como uma ferramenta repleta de significações e que a crítica deste se encontra imbricada com o mundo-contexto em que se insere. Por este motivo, vários aspectos podem e devem ser observados ao se analisar um filme. Não se pode restringir apenas as imagens exibidas, mas as suas características, detalhes, narrativas e tudo que as envolve, relacionando-a com o contexto social representado. Para compreender a

“mensagem transmitida” pelo filme, faz-se necessário entender a ideologia-sociedade que o circunda.

Morettin (2011) apresenta uma “missão” ao historiador: Deve perceber o sentido do filme que emerge de sua estrutura. Esse sentido exige atenção, tempo e paciência. Partindo dos fatos históricos, deve-se questionar o que o filme transmite, o que está em suas entrelinhas. Para perceber este sentido, todo detalhe deve ser considerado e não podemos perder a singularidade do seu contexto. Portanto,

Se não conseguirmos identificar, através da análise fílmica, o discurso que a obra cinematográfica constrói sobre a sociedade na qual se insere, apontando para suas ambiguidades, incertezas e tensões, o cinema perde a sua efetiva dimensão de fonte histórica (MORETTIN, 2011, p. 64).

Esta concepção do filme como fonte histórica e toda a teoria exposta aqui, norteou a ação pedagógica realizada para a construção deste artigo. Além da escolha do tema, o filme foi escolhido levando em consideração tudo que o envolve e aquilo que ele transmite em sua totalidade. “Histórias Cruzadas” aborda a temática da luta pelos Direitos Civis e a sociedade segregada na década de 60, mas, além disso, lê-se em suas entrelinhas o conceito de resiliência definido por Grotberb (1995), Benevides-Pereira, Gomes & Araújo (2006) *apud* Angst: “[...] capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecidas ou até esmo transformada, porém não ilesa” (2009, p. 254).

O conceito de resiliência surgiu na área da física e significa a capacidade de um material resistir a uma fonte de energia sem muita deformidade. Na psicologia, designa a capacidade de resistir às adversidades, a força necessária para a saúde mental estabelecer-se durante a vida, mesmo após a exposição a riscos. Ou seja, a habilidade de acomodar-se e reequilibrar-se constantemente frente às adversidades (ASSIS, 2008). Em “Histórias Cruzadas”, a resiliência manifesta-se na postura adotada pelas empregadas domésticas negras que, apesar de toda discriminação, retiravam da experiência algo de bom e conseguiram transformar isto em um livro. Ou seja, mostravam-se resilientes frente às adversidades e sobressaíram-se sob estas.

O filme retrata a realidade da década de 60, após um século da abolição da escravidão, com os negros representados socialmente como seres inferiores aos brancos que precisavam se submeter a práticas racistas e preconceituosas nos ambientes de trabalho e nos espaços políticos, além de viver sem direitos básicos, tais como: educação, saúde, moradia, emprego... Nesta década, vigoravam leis que proibiam o casamento de brancos e negros; separação de repartições

públicas, escolas e restaurantes; lugares para sentar em ônibus diferenciados, bem como banheiros públicos, bebedouros e bancos de praças. Enfim, todo o social era segregado: os negros e brancos compartilham raros espaços e até a relação entre estes era permeada de atitudes ofensivas e hostis. Neste cenário, emerge no país a luta por direitos iguais tanto de forma pacífica quanto extremista, com registro histórico de mortes de ativistas pelos direitos civis, tais como o pastor Martin Luther King, jovens negros e universitários brancos que faziam campanha de registro eleitoral entre as populações negras. Esta é a realidade retratada no filme escolhido e, por todo o contexto explicitado, identificamos a necessidade dos negros não apenas se manterem fortes perante as adversidades (resiliência), mas de transformar esses conflitos e injustiças “em algo de bom”, ou seja, tentar modificar esta realidade de forma pacífica.

No enredo do filme, as empregadas domésticas são cativadas por Skeet a relatar situações vivenciadas no posto de empregadas domésticas em lares de famílias brancas, ricas e preconceituosas. Para Skeet, não foi fácil falar abertamente sobre um assunto considerado pelas empregadas domésticas negras como tão delicado, até mesmo porque, na época, falar sobre isso já era considerado um crime e os negros corriam perigo. Mesmo assim, os relatos foram publicados anonimamente e resultaram em um livro intitulado: *The Help* (título do filme, em inglês).

Após a exibição do filme, discutimos tópicos pré-elaborados a partir de questões pertinentes ao tema da ação desenvolvida e que foram explicitados no tópico da metodologia do presente artigo. Nesta discussão, observamos como a problemática do racismo ainda é fortemente vivenciada pelos alunos que se posicionaram com indignação a respeito da realidade retratada no filme. Além disto, abordamos a resiliência, seu significado, aspectos principais e características. Foi constatado que nenhum dos alunos tinha conhecimento sobre o termo e isso foi bastante importante por identificar uma contribuição que pudemos ofertar em suas formações.

Após explicação, os alunos fizeram associações da temática a partir de exemplos de experiências cotidianas, demonstrando assim compreensão sobre as temáticas focalizadas na experiência pedagógica. As experiências exibiram a concepção de resiliência proveniente da explicação realizada nas discussões. Os alunos falaram que “algumas pessoas lidam melhor com a morte de algum ente querido do que outras” e que “ao fazer uma prova na escola e tirar uma nota ruim, usam isso como motivação para se sair melhor nas próximas avaliações”. Estas exemplificações demonstraram que o conceito de resiliência foi compreendido por grande parte dos alunos e que estes conseguem observá-lo em situações cotidianas. Um dos alunos indagou sobre este conceito e perguntou: “Pessoas depressivas não são resilientes?” Foi explicado que

a resiliência está interligada com sintomas depressivos e que pode ajudar na superação destes, mas não significa dizer que uma pessoa depressiva não é resiliente. Deve-se levar em consideração que a resiliência é um estado e assim sendo, não se qualifica como algo que faz proteger a pessoa de todo o “mau que a rodeia”. Existem fatores que contribuem para a promoção da resiliência e contextos que permitem que esta fique mais evidente ou não. (ANGST, 2009).

Posteriormente, foi proposta uma atividade escrita para identificar os conteúdos apreendidos sobre a temática abordada. A atividade propunha a elaboração de um texto sobre a resiliência demonstrada pelas personagens em diversas situações exemplificadas em imagens do filme. Os alunos deveriam apresentar o conceito de resiliência de acordo com a sua compreensão e discussões realizadas em sala de aula. Ao fazer a análise das respostas, pode-se perceber que os alunos do 9º ano compreenderam melhor o enunciado da questão e desenvolveram o texto relacionando o conceito com as cenas contidas nas imagens do filme e o seu contexto histórico. Quanto aos alunos do 7º e 8º ano, mesmo não relacionando bem o conceito ao enredo fílmico, a maioria compreendeu significativamente a explicação apresentada sobre o conceito de resiliência, outros, porém, apenas descreveram o que estava presente nas imagens da atividade, sem refletir se estas exibiam ou não aspectos resilientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desta ação possibilitou um novo olhar sobre a utilização de filmes históricos na educação do Ensino Fundamental. Morettin (2011) destaca que toda a obra de Marc Ferro expressa o processo de aceitação do cinema como fonte histórica pelos historiadores. Estes, desprezavam as representações e informações do filme e relutaram em considerar aquelas sequências de imagens como fonte histórica. Porém, o contexto social e as mudanças ocorridas ao longo dos anos, mostraram que a História precisava ser produzidas pelas mais diversas fontes, unindo o “ultrapassado” com o “novo”, atendendo às necessidades da sociedade. Em sua obra, Ferro (1992) também destaca a importância ocupada pelo imaginário do filme para a análise do social. Aquilo que se almeja, também é fonte histórica que expressa os anseios de um grupo.

A partir do exposto, percebe-se que o filme auxilia na compreensão de fatos históricos, bem como na exposição de conceitos científicos, neste caso, o conceito da resiliência para o campo da psicologia. A representação do conceito em um contexto histórico que exige de um grupo de pessoas a coragem, determinação e força para superar os obstáculos, exemplificou-o bem e permitiu clareza para a compreensão do abstrato. Para a utilização deste recurso de

maneira educacional, o professor necessita analisar um filme, ler suas entrelinhas e perceber qual a ideologia que o compõe. Somente assim, este terá um bom aproveitamento e será visto pelos alunos com outro olhar.

REFERÊNCIAS

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz Eterna, 1992. p. 25-47.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et all. **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011. p. 39-64.

ASSIS, Simone Gonçalves de. et al. **Resiliência na Adolescência: Refletindo com educadores sobre superação de dificuldades**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2008.

ANGST, Rosana. **Psicologia e Resiliência: Uma revisão de literatura**. Curitiba: Psicol. Argum., 2009. v. 27, n. 58, p. 253-260.